



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional.

Sub-eixo: Formação profissional

## PAPEL PEDAGÓGICO DA SUPERVISÃO DIRETA! THE PAPER SUPERVISION PEDAGOGICAL ROLE

ADRIANE<sup>1</sup>  
CLECI ELISA ALBIERO<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe-se a discutir o processo pedagógico da supervisão de estágio na formação. Discorre sobre elementos de constituição do Fórum Permanente de Supervisão e as reflexões das atribuições privativas do Assistente Social em relação à supervisão de estágio, bem como, a proposta de construção do conhecimento e fortalecimento deste processo. A metodologia utilizada foi à bibliográfica fundamentada em livros e artigos científicos da área e observação participante com relatos e análises dos participantes do Fórum. Os resultados iniciais apontam para a necessidade de aproximação e aprofundamento em relação ao papel da supervisão de estágio na formação profissional.

**Palavras chave:** Formação Profissional; Serviço Social; Supervisão Direta; Estágio.

**Abstract:** The objective of the following paper is to discuss the internship supervision pedagogical process when it comes to professional formation. It focus on the basis of the Fórum Permanente de Supervisão (Permanent Supervision Forum), the considerations regarding the Social Worker private attributions towards internship supervision, the proposal of the construction of knowledge and the strengthening of such process. The methodology for developing it was the bibliography based on scientific books and papers on direct supervision as well as paying attention on reports and analysis from participants of the Forum. The primary results show the need of a better and deeper understanding regarding the role of internship supervision within professional formation.

**Keywords:** Professional Formation; Social Service; Direct Supervision; Internship.

### 1 INTRODUÇÃO

Discutir o processo pedagógico da supervisão de estágio, a importância do estágio na formação profissional, e, o porquê da supervisão de estágio em Serviço Social ser uma atribuição privativa do assistente social, é o que se propõe neste trabalho.

<sup>1</sup> Professor com formação em Serviço Social. Centro Universitario Internacional Uninter.

<sup>2</sup> Estudante de Pós-Graduação. Centro Universitario Internacional Uninter. E-mail: <clecielisa.albiero@gmail.com>

O processo de supervisão de estágio em Serviço Social é mais um elemento de debate e discussão da categoria profissional frente às inúmeras atividades que compete ao Assistente Social, quando este assume exercer a atribuição privativa de supervisor de estágio no processo de formação profissional.

O interesse em pesquisar e aprofundar esta temática, parte das reflexões e debates que foram surgindo no Grupo de Estudos em Trabalho Formação e Sociabilidade – GETFS, no Projeto de Pesquisa em Formação, Identidade e Práticas Profissional, e dos encontros do Fórum Permanente de Supervisão de Estágio em Serviço Social no Centro Universitário Internacional UNINTER – Curitiba. O Fórum teve seu início em 2017 onde se realizou seis encontros e, deste período até então, muitos debates e aproximações com a temática da supervisão direta como função pedagógica vem sendo problematizada. Para este ano de 2018, o planejamento do Fórum é promover a formação por meio de oficinas sistematizadas com base nas temáticas sugeridas pelos supervisores.

Para fins deste trabalho, optou-se pela metodologia de pesquisa de cunho bibliográfica e desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos da área. (Gil, 2008). Além da pesquisa bibliográfica, descreveremos também observações e relatos desenvolvidos a partir do 2º Encontro do Fórum Permanente de Supervisão de Estágio em Serviço Social UNINTER, realizado em junho de 2018. No referido encontro estavam presentes Assistentes Sociais supervisores de campo, alunos em período de estágio supervisionado e supervisores acadêmicos de estágio. A oficina trilhou com base em questões norteadoras onde os participantes organizaram-se em grupo e puderam debater e apresentar seus apontamentos para o grande grupo.

Este trabalho está dividido em três partes, uma parte introdutória onde apresenta-se os objetivos do trabalho, metodologia e um breve contexto do estágio. Na segunda parte, discute-se sobre os fundamentos teóricos dos elementos do estágio, da supervisão e da formação profissional e, também, os

apontamos do Fórum sob a perspectiva dos supervisores acadêmicos, de campo e alunos e, por fim as reflexões finais e encaminhamentos do referido trabalho com apontamentos, questionamentos e elementos para novas pesquisas.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Reflexões sobre atribuição privativa da profissão: supervisão de estágio em serviço social**

Por que a supervisão de estágio em Serviço Social consiste numa atribuição privativa do Assistente Social? Trata-se de uma da questão que tem nos feito pensar sobre o processo de formação no Serviço Social e, em especial no estágio supervisionado. Acredita-se, e como também nos coloca Ortiz (2016, p. 194) estando o profissional formado e comprometido com o “projeto profissional vinculado a uma direção social e política” da categoria profissional na contramão daquela posta e imposta pelo capital, “considerada hegemônica no plano societário”, poderá contribuir no direcionamento e na formação crítica, ética, política e na defesa da democracia e da qualidade.

Essa reflexão sobre a supervisão direta de estágio tem base normativa na lei que regulamenta a profissão, nº 8662/93 no seu art. 5 atribuições privativas do Assistente Social, onde coloca no inciso “VI treinamento, avaliação e supervisão direta de estagiários de Serviço Social” e na Resolução nº 533/2008 do CFESS (p. 2) que considera:

[...] a atividade de supervisão direta do estágio em Serviço Social constitui momento ímpar no processo ensino-aprendizagem, pois se configura como elemento síntese na relação teoria prática, na articulação entre pesquisa e intervenção profissional e que se consubstancia como exercício teórico-prático, mediante a inserção do aluno nos diferentes espaços ocupacionais das esferas públicas e privadas, com vistas à formação profissional, conhecimento da realidade institucional, problematização teórico-metodológica.

Sendo essa temática tão fundamentada e normatizada, questiona-se por que ainda há necessidade de discussões do processo de supervisão direta em Serviço Social e suas implicações na formação da identidade profissional dos alunos? Remete-nos a entender que, mesmo com todas as regulamentações e normatizações CFESS/CRESS, muitos supervisores ainda não possuem entendimento do seu exercício profissional relacionado à função pedagógica da supervisão de estágio.

Durante muito tempo essa função foi atribuída somente ao supervisor acadêmico, dando a entender que, o exercício da função pedagógica seria unilateral. Porém, esse entendimento vem se modificando e os papéis se reconfigurando. Desta forma, compreender a supervisão numa perspectiva de totalidade, alimenta-se e constroem-se pesquisas e reflexões no âmbito da categoria profissional.

Ouvimos frequentemente que ‘não pode’ ou ‘não deve’ ocorrer a tão falada dicotomia entre teoria e prática, e, constantemente essa fala vem sendo reproduzindo quando expressamos “o que ocorre nos espaços sócios ocupacionais e o que é ensinado na Unidade de ensino são diferentes”, que “na prática a teoria é outra”. São equívocos, segundo Assis e Rosado, que precisam ser superados, porém para que isso realmente ocorra, torna-se imperioso reafirmamos “[...] a necessidade de pensar teoria e prática como unidade, embora com características diferenciadas, mas que só se realizam em interação mútua, ou seja, como totalidade”. (2012 p. 204)

Nesta perspectiva, não promove-se a reflexão sobre a profissão, e tão pouco avança-se sobre a formação e sobre o processo de ensino – aprendizagem que se expressa durante o estágio supervisionado. Segundo Saviani (1992) citado por Lewgoy (2010),

[...] é possível afirmar que teoria e prática são indissociáveis, o que equivale a dizer que toda atividade humana envolve algum grau de reflexão. Essa construção de pensamento concretiza-se ao se partir do empírico, passando pelo abstrato para chegar ao concreto. (LEWGOY, 2010, p. 50)

No processo de formação, seja como supervisor de campo ou supervisor acadêmico, importante ter o entendimento que o aluno está realizando suas análises reflexões e sínteses sobre as disciplinas e conteúdos apreendidos em sala de aula, suas experiências vivenciadas nos campos de estágio e suas expectativas em relação ao trabalho do Assistente Social, é um 'misto' de elementos que irá exigir preparo, dedicação e apreensão do supervisor sobre a formação.

Cabe-nos aqui propor para o debate um elemento de reflexão para os supervisores: como estamos nos preparando para exercer essa atribuição privativa? Por que queremos estagiários? Que profissionais queremos formar? Temos condições teóricas, metodológicas, éticas e de trabalho para a supervisão direta? Quais são os espaços que promovem a qualificação e constante reconfiguração dessa discussão? E, mais, precisamos ter a lucidez que assumir a supervisão direta de estágio é estar preparado para os questionamentos do aluno, para as contradições e para rever os processos de trabalho, seja na academia ou nos campos de estágio. É imprescindível que potencializemos o processo de análise crítica da realidade, para que os discentes possam visualizar as reais possibilidades de atuação profissional. (Assis e Rosado, 2012)

Quando se fala da função pedagógica da supervisão é fundamental assumir o compromisso com o Projeto Ético Político da profissão, compreendendo que ele se materializa através das Diretrizes Curriculares de 1996, da Lei 8662/93 e do Código de Ética profissional de 1993, e mais, segundo Assis e Rosado,

[...] o processo de supervisão do estágio em Serviço Social se constrói por meio do acompanhamento, da orientação e reflexão sobre o processo de ensino/aprendizagem, buscando contribuir para a compreensão da unidade teoria/prática e possibilitando o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias ao exercício profissional. (2012, p. 206)

Considera-se então, a importância dos supervisores se apropriarem da Política Nacional de Estágio (ABEPSS, 2010) que aponta elementos relevantes

na discussão sobre a temática, reforçando que a supervisão direta compreende as dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativo da profissão. Esse tripé deve fazer parte do processo de trabalho profissional nos mais diversos espaços sócio ocupacionais de intervenção, entre eles também, a academia.

Yolanda Guerra é referenciada na Política Nacional de Estágio (2010) sobre o processo de estágio entendido como momento de formação profissional nos diversos espaços de atuação:

Assim, o processo de formação profissional e, particularmente o estágio supervisionado curricular, devem garantir a apreensão do significado sócio-histórico do Serviço Social; das condições de trabalho dos assistentes sociais; das conjunturas; das instituições; do universo dos trabalhadores usuários dos diversos serviços e das políticas sociais. Neste aspecto, exige conhecimentos teóricos e saberes prático-interventivos, além, é claro, dos fundamentos e da lógica tendencial que os constituem (GUERRA, 2006).

Compreender a função pedagógica da supervisão direta implica na aproximação dos sujeitos envolvidos, na articulação de ensino-aprendizagem que promova a qualidade técnica da formação para desenvolver as competências e habilidades necessárias a fim de potencializar a matriz da identidade profissional do aluno.

É necessário entender que, como classe trabalhadora inserida na divisão sócio técnica do trabalho, vendemos nossa força de trabalho para o capital, e desta forma, corremos um serio risco de um distanciamento do processo do trabalho do Assistente Social permanecendo apenas no trabalho operativo. Assim, Ortiz (2016) esclarece esse ponto da seguinte forma “sob o comando do capitalista, o trabalhador cada vez mais desconhece os fundamentos do processo de trabalho, tendo em vista que cabe ao capitalista determinar como ele deve desenvolver – com que meios, com quais objetivos e com qual duração” (2016, p. 195).

As evidencias dos desafios apresentados nos campos de atuação profissional, circundam todos os ambientes da vida social, bem como as relações da vida cotidiana e do mundo do trabalho, permeados pelo

conservadorismo e tecnicismo burocratizante e despolitizado pelas contradições presentes na sociedade capitalista.

Desta forma, esse também pode ser um elemento que assombra o trabalho do Assistente Social quando relata não ser possível avançar em processos de planejamento, sistematizações, pesquisas, processos investigativos referentes ao trabalho profissional. Seu trabalho passa a ser mediado pelas demandas que a própria instituição determina para satisfação das necessidades institucionais com relatórios, acompanhamento de indicadores, cumprimento de metas, elementos da gestão, qualidade e produtividade, entre outros. Não que isso não seja importante para o desenvolvimento do seu trabalho, bem pelo contrário, é essencial para que se possa objetivamente materializar 'o que faz o assistente social no espaço sócio ocupacional', porém esta tem sido a tônica cotidiana e corriqueira, perdendo-se de vista a apreensão dos objetivos e do planejamento do Serviço Social na instituição.

Segundo Forti e Coelho, “[...] à qualidade é medida pela produtividade e suas referências são a quantidade (quanto se produz?), o tempo (qual o tempo da produção?) e o custo ( qual o custo do produto?)”. Já, a lógica da produtividade tratada pelas autoras e exigida no trabalho dos profissionais “refere-se ao padrão de produção de mercadorias trasladado da esfera do mercado para o público. Produtividade e qualidade autorreferenciam-se”. (2015, p. 33)

Parece-nos que este debate já está superado, mas não é este o entendimento e nem as falas dos profissionais que se encontram nas instituições acompanhando alunos em processo de estágio supervisionado. Bebendo na teoria social crítica, base da formação do Serviço Social, a lógica do modelo capitalista impõe-nos que, não basta produzir bens e serviços, conforme nos explica Ortiz (2016) com referencia em Marx, “há de se produzir mais-valia, e, para tanto, faz-se necessário historicamente à incorporação de alguns mecanismos para sua ampliação e continuidade” (p. 199). Isso leva a um contexto de subsunção real desta força de trabalho gerando no trabalhador um produto final da sua força de trabalho, que segundo Ortiz, “não interessa

mais sobre o que se trabalha, mas quanto se ira ganhar com isso”. (2016, p. 199)

Dessa forma, necessário se faz resgatar o que estabelecem as diretrizes curriculares sobre o processo de formação, em especial o processo relacionado ao estágio curricular obrigatório. Para o supervisor de campo, necessariamente precisa ter o entendimento das diretrizes curriculares e entender para que? e para quem? estamos formando, pois este profissional faz parte deste processo de forma direta. Torna-se importante inferir que, seria uma corresponsabilidade nesta formação, pois neste processo, o aluno passa 15% do total de horas da formação no campo de estágio, isso corresponde a ¼ da sua formação acadêmica e profissional.

O profissional de Serviço Social é um dos poucos profissionais que detém vasto conhecimento da vida sobre o modo de ser e de viver dos trabalhadores, porém, tem sido chamado cada vez mais para atuar na linha de frente no atendimento aos usuários dos serviços. Tal processo incide sobre estes, condições e acesso de interferir na mudança de comportamento e atitudes dos sujeitos, de acordo com os interesses hegemônicos do capital, isto é “ajustando-os ideologicamente aos interesses burgueses, desistoricizando e fragmentado suas demandas e transformando-se, deste modo, em requisições postas pelos empregadores ao assistente social”. (ORTIZ, 2016, 204).

Neste contexto, convém entender um ponto vital para o Serviço Social, no que diz respeito à divisão social e técnica do trabalho muito bem discutida por Iamamoto e Carvalho com base nas teorias marxistas, que se refere a “esfera da reprodução social”. Dizem os autores supracitados que

[...] a reprodução das relações sociais não se restringe à reprodução da força viva do trabalho e dos meios objetivos de produção (instrumentos de produção e matérias-primas). A noção de reprodução engloba-os enquanto elementos substanciais do processo de trabalho, mas, também os ultrapassa. (CARVALHO e IAMAMOTO, 2007, p. 72)

Mais do que nunca, problematizar que o Assistente Social não trabalha apenas na reprodução material de forma mais ampla, que segundo Carvalho e Iamamoto, essa reprodução se dá também na “produção espiritual, isto é, das

formas de consciência social: jurídicas, religiosas, artísticas ou filosóficas, através das quais se toma consciência das mudanças ocorridas nas condições materiais de produção” (2007, p. 72) da vida ou também como já nos colocou Ortiz (2016) a possibilidade de “desenvolvimento de complexos sociais” nas tramas do trabalho cotidiano do assistente social.

Essa inserção do profissional, nas diversas esferas do modo de produção seja, social, econômica, cultural e, política faz com que o estágio, através da supervisão direta seja uma ferramenta única de vivências, de aproximações teórico-prática, de convívio com os enfrentamentos das limitações e contradições impostas a profissão. O cunho pedagógico da supervisão se faz nesses espaços e tensões e são nesses momentos que o supervisor deve promover junto ao aluno as reflexões, análises e proposições frente aos embates do mundo do trabalho.

## **2.2 Supervisão de estágio: uma proposta de fortalecimento e de aproximação**

Como já discutido anteriormente, o estágio ocupa centralidade na formação profissional em Serviço Social. Potencializa a articulação e a superação da visão fragmentada das dimensões teórico–metodológica, ético-política e técnico-operativa. Na busca de tentar superar esta fragmentação, o estágio é o espaço onde o aluno, em processo de formação, juntamente com o supervisor de estágio, articula de forma horizontal, estes elementos num processo de análise, síntese e novas proposições a partir das demandas do cotidiano profissional e da formação acadêmica.

Este contexto direciona para algumas indagações e reflexões que podem parecer banais, porém fundamentais para construir uma proposta de formação para o estágio: de que forma o supervisor de campo pode participar das discussões da construção da proposta plano de ensino da disciplina de estágio? Está apropriando-se da ementa e dos objetivos da disciplina de estágio? Em algum momento este profissional foi ou é inserido na discussão do

Projeto Pedagógico do Curso (PPC)? Há um alinhamento no direcionamento da formação em relação: para quem? e, para que estamos formando? Como os processos avaliativos relacionados ao estágio são construídos? Quais as atribuições do aluno enquanto estagiário e do supervisor de campo neste processo?

Coloca-se neste sentido, uma questão tanto quanto que polemica, porém não se pode avançar sem antes problematiza-la e tecer reflexões sobre esta, pois muitos profissionais delegam ao aluno estagiário, desde o seu primeiro dia de estágio, tarefas e atribuições estratégicas que compete ao profissional e não ao aluno que acaba de chegar na instituição. Desta forma, como bem nos coloca a professora Fátima Ortiz,

[...] tal postura não contribui com o processo de formação do aluno; ao contrario, tende a desqualifica-lo, tendo em vista que ignora seu grau de amadurecimento teórico, técnico e interventivo, fazendo do estágio um laboratório em que as atividades são desenvolvidas a partir do binômio 'ensaio e erro'. (2016, p. 209)

Cabe-nos entender que, o aluno no seu processo de estágio, precisa estar desenvolvendo habilidades e competências profissionais, e, mais acompanhar o profissional no seu processo de trabalho e ser atribuído a este, isto é, ao estagiário, atividades para que entenda neste processo de formação elaborar suas análises e sínteses a partir do vivido e do aprendido. Segundo Burriolla, (2003, p.41) o estágio em Serviço Social e a supervisão “é um processo de ensino aprendizagem, onde há aprendizagem de recuperação de vivências, onde há troca do cotidiano profissional e de vida, do que está sendo construído por cada um”.

Porém, o que está se colocando em questionamento neste contexto são as ‘tarefas e responsabilidades’ delegadas ao estagiário sem ao menos este conhecer a realidade e o contexto institucional. Saber quem são os usuários que buscam o atendimento do trabalho do Assistente Social na instituição, o perfil deste usuário, seu território, traçar elementos da conjuntura societária a fim de apropriar-se do processo organizativo e interventivo. Salienta-se a necessidade e importância do dialogo e da aproximação entre supervisor

acadêmico e supervisor de campo, este processo inexistente pensado separadamente. É necessário que juntos, possam planejar e elaborar estratégias e atividades que expressem o momento em que o aluno se encontra no processo formativo, o amadurecimento intelectual e de aproximação profissional. Segundo Ortiz (2016) aqui se justifica a necessidade de uma aproximação entre academia e campo de estágio para que não ocorra a tão debatida fragmentação entre teoria e prática do trabalho do assistente social.

Como nos coloca Lima (2004 apud Assis e Rosado, 2012, 206), o estágio não é a “hora da prática”, mas um espaço de unidade, por possibilitar uma prática fundamentada numa teoria em contradição com a realidade, numa relação dialética que as inter-relaciona, recriando-as no cotidiano.

Estas e outras tantas questões tem nos feito refletir que o supervisor, tanto supervisor acadêmico como supervisor de campo precisam convergir suas ideias sem perder suas especificidades pedagógicas e formativas. Embora existam especificidades entre cada uma destas modalidades de supervisões,

[...] a incompreensão dessas particularidades pode desencadear uma equivocada interpretação de que haveria a dissociação entre teoria e prática. Por isso, a importância de fortalecer a supervisão conjunta na qual teoria e prática possam ser discutidas de forma articulada. (ASSIS e ROSADO, 2012, p. 208)

Nesta direção, estes questionamentos e reflexões, são o ponto de partida para novos desafios e novas construções olhando a supervisão como parte integrante do trabalho do Assistente Social e a supervisão direta como processo pedagógico!

Ao propormos reflexões sobre os papéis dos sujeitos envolvidos neste processo de formação, contextualizamos o supervisor acadêmico levantando o seguinte questionamento: qual seu papel neste contexto? Por que poucos professores assumem esta disciplina? Por que sempre relegamos este debate ao segundo plano, nos espaços de discussão?

Isso nos remete ao movimento de rever ou até mesmo tecer considerações sobre o processo pedagógico da formação. Quando adentramos

a sala de aula, nas disciplinas de estágio supervisionado, nosso olhar de críticas e debates se volta quase que sempre ao supervisor de campo. Determina-se a ele grande parte da responsabilidade pela formação do processo de estágio, quando na verdade esse processo precisa acontecer de outra forma. Neste debate, um questionamento nos vem à luz ao percebermos o quanto estamos tentando nos apropriar teórica e metodologicamente, ético político como também do técnico operativo do trabalho do assistente social nas instituições concedentes de campos de estágio? Na maioria das vezes, as aproximações se estabelecem diante dos elementos de sistematização de prática: diários de campo, nos projetos de intervenção e relatórios, bem como através dos relatos dos alunos em sala durante a supervisão direta.

Urge romper com os muros da academia e buscar conhecer a outra ponta da tríade (supervisor acadêmico, supervisor de campo e aluno), e neste caso, o supervisor de campo concretizando uma aproximação com estes espaços sócio ocupacionais, com o processo de trabalho dos assistentes sociais, os quais nos dariam elementos para entendermos as fragilidades dos alunos no momento de materializar seu processo de apreensão e compreensão da realidade.

Precisamos admitir que há sim, um distanciamento entre a academia e os espaços de trabalho do Assistente Social, bem como há também um grande distanciamento dos profissionais “da prática” com a academia. Porém, esta distância precisa ser encurtada e os debates aproximados, fazendo com que as teorias e fundamentos do Serviço Social não caiam no desuso e no esquecimento pelo profissional que se encontra mais próximo dos usuários, bem como pelo profissional que se encontra na docência, que motivado pelo trabalho do Assistente Social, tenta romper com a velha e tão falada dicotomia de que ‘na prática a teoria é outra’? Superando desta forma,

[...] as hierarquias estabelecidas entre teoria e prática, entre âmbitos sócio ocupacionais e áreas do saber, procedimentos profissionais que no mundo do cotidiano institucional se tornam compatíveis com a finalidade de tal projeto, comportando as imprescindíveis articulação e inserção nas lutas sociais do tempo presente. (FORTI e COELHO, 2015, p. 36)

Por fim, mais do que nunca este debate precisa ser superado, pois não há entendimento das demandas e das expressões da questão social que chegam para o serviço social, se não há uma base teórica consistente e fundamentada nos princípios e fundamentos econômicos, políticos, culturais e sociais da realidade.

Desta forma, o debate se constrói na horizontalidade e se retroalimenta na teoria e no trabalho do Assistente Social .

### **2.3 O fórum como espaço da construção do conhecimento e da troca de vivências**

Como já descrito inicialmente, o objetivo deste trabalho é discutir o processo pedagógico da supervisão de estágio e a importância do estágio na formação profissional do aluno do curso de Serviço Social. Desta forma, a partir do 2º Encontro do Fórum Permanente de Supervisão de Estágio UNINTER 2018 e com a proposta de mudança na metodologia e desenvolvimento do mesmo, desenvolveu-se junto aos supervisores de campo, supervisores acadêmicos e alunos um debate com questões dirigidas que puderam ser problematizadas em grupo para pensar a formação e o estágio supervisionado.

Por solicitação dos supervisores, os encontros deste ano de 2018, passam a ocorrer no período da noite a fim de facilitar a participação, porém uma avaliação inicial demonstra que a mudança de horário não interferiu numa maior presença de profissionais. Logo no início dos trabalhos, os presentes foram divididos em pequenos grupos para problematizar as questões sugeridas e socializar com o grande grupo. As questões versavam sobre formação; supervisão direta; participação do supervisor de campo na discussão do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e na construção da proposta do plano de ensino da disciplina de estágio; discutir se a supervisão direta realizada pelos supervisores promove a reflexão crítica e propositiva necessária para o processo de formação; o papel do aluno no processo pedagógico de sua

formação, e, como articular os sujeitos envolvidos na supervisão para que o estágio seja o espaço de construção da matriz profissional. Com as respostas em mãos analisamos alguns pontos como segue.

### 2.3.1 análises e debates

Com base nos trabalhos desenvolvidos em grupo, no Fórum Permanente de Supervisão, apontaremos algumas reflexões a fim de aprofundar o debate em relação ao processo de supervisão de estágio e a formação profissional.

A primeira questão disserta em relação à supervisão direta, tanto no campo de estágio como na instituição de ensino, promove-se reflexões críticas e propositivas em relação ao estágio? Segundo as reflexões do grupo “o espaço da supervisão direta promove a reflexão crítica e propositiva aos alunos. No entanto, a referida reflexão depende tanto do supervisor de campo como do próprio aluno. Para os alunos o entendimento da importância do momento do processo de formação leva um tempo, pois os alunos vão amadurecendo ao longo do processo. Assim, vão conseguindo compreender a correlação entre teoria e prática: práxis do serviço social. ”

As reflexões do grupo nos revela o imperativo dos alunos assumirem o protagonismo de sua formação, compreendendo que a maturidade é progressiva e parte de pressuposto, tanto teórico como no fazer profissional, e aqui se revela a questão fundante do estágio, como bem citado na Resolução CFESS nº 533/2008 a, “supervisão direta do estágio em Serviço Social constitui momento ímpar no processo ensino-aprendizagem, pois se configura como elemento síntese na relação teoria-prática, na articulação entre pesquisa e intervenção profissional e que se consubstancia como exercício teórico prático [...]”.

A criticidade, propositividade e a intervenção, características da profissão do Assistente Social são elementos que o aluno apreende, incorpora e assimila a partir das reflexões e proposições realizadas pelos supervisores, tanto de campo, como acadêmico, que podem conduzir a uma aproximação

reflexiva, propositiva, crítica e investigativa da realidade social, vivenciada nos diversos espaços sócio ocupacionais e, que se revelam através dos elementos de sistematização da prática, como o projeto de intervenção, onde o aluno é orientado, estimulado e provocado a desvelar a realidade social, identificar a expressão da questão social e propor ações pontuais embasadas teoricamente.

A operacionalização dessa empreitada ocorre através da utilização de diversos recursos e instrumentos durante as aulas, tais como: apresentação da realidade vivenciada nos campos de estágio por parte dos alunos; discussão de textos aliada às particularidades de cada espaço sócio-ocupacional; troca de experiências e informações entre os alunos e reuniões conjuntas ou supervisões integradas entre supervisores acadêmicos, supervisores de campo e alunos. (MOLJO; MENDES, 2016, P.273)

Podemos assim reafirmar, que as considerações realizadas pelo grupo frente ao questionamento sobre a contribuição da supervisão na criticidade em relação ao estágio e aos enfrentamentos da profissão, ocorrem desde que as aproximações entre os envolvidos no processo ocorram de forma horizontal. No descrito pelo grupo, identificou-se uma referência ao supervisor de campo como o elo principal neste processo.

Retomando a fala dos participantes, nos chama atenção à centralidade da supervisão direta com foco na figura do supervisor de campo, sendo esse reconhecido como sujeito que promove a reflexão crítica dos alunos, sem referenciar a supervisão acadêmica: *“No entanto, a referida reflexão depende tanto do supervisor de campo como do próprio aluno”*. O que pode nos levar a compreensão de uma análise fragmentada do papel dos supervisores ou dicotomizada do processo coletivo de supervisão por parte do grupo.

Um segundo ponto a ser debatido no contexto da formação: Qual o papel do estagiário no processo pedagógico de sua formação no contexto do estágio? Como articular os sujeitos envolvidos no processo de supervisão para que o estágio seja o espaço de construção da matriz profissional? Segundo os participantes *“o papel do estagiário no processo pedagógico de sua formação está direcionado na vivência da prática (espaço sócio ocupacional do estágio) e correlacionado com a teoria apreendida no espaço acadêmico, possibilitando a*

*articulação entre a supervisão acadêmica com a supervisão de campo. A função de ambos: supervisão permite que o estagiário (aluno) em seu processo de formação tenha aproximação e comprometimento com o Projeto Ético Político Profissional, enfatizando a indissociabilidade da teoria com a prática”.*

Essa questão aponta para um elemento central de análise, o protagonismo do aluno em seu processo formativo, importante categoria visto termos (nos referimos aqui às produções teóricas da área), por muito tempo nos concentrarmos nas análises somente com direcionalidade para os supervisores.

O aluno exerce papel fundamental neste processo, promovendo reflexões, proposições e questionamentos que impulsionam os supervisores a rever seu processo de trabalho. Neste contexto segundo Forti; Guerra (2016 p. 10)

aqui subjaz a premissa de que a complexidade da realidade exige profissionais do Serviço Social que não pretendam apenas responder ao modo tradicional e *imediatista* às demandas que lhes são dirigidas, mas que entendam que respostas profissionais pressupõem compreensão dos significados sociais de tais demandas e intervenções que lhes possam atribuir outros. [...] o desafio consiste em formar profissionais capazes de atuar na realidade. Por meio de identificação e da apropriação crítica de suas demandas e das demandas dirigidas, reconfigurando-as e enfrentando-as de maneira eficaz, eficiente – ou seja, em consonância com o sentido mais profundo da expressão do trabalho profissional.

A formação da matriz da identidade profissional do aluno expressa desde os anos 90 por Buriolla (1994, p. 19) é uma concepção que perpassa pela supervisão como “parte integrante da formação do exercício profissional”, claro que precisamos compreender que mais de duas décadas após sua publicação o estágio e a supervisão se reconfiguraram, normatizações e orientações técnicas foram redefinidas o que proporciona uma cientificidade e teorização sobre essa atribuição da profissão.

O pragmatismo inicial da supervisão de estágio voltado ao “ensinar fazendo” principalmente na década de 90, vai se reconfigurando e direcionando para outros elementos, tais como o significado da supervisão para a compreensão da profissão, das relações sociais e de seus aspectos sócio

históricos, sendo assim a construção da matriz da identidade profissional do aluno ultrapassa a concepção inicial trazida por Estevão apud Buriolla (1994, p.28)

Supervisão em serviço social pode ser considerada como processo de formação da matriz da identidade profissional (...) no sentido da preparação para a vida profissional, de ensino para a vida profissional, de estar pinçando as coisas do cotidiano profissional, do dia a dia, onde nós sempre vamos decidir com o aluno as coisas relativas ao que se faz no Serviço Social.

Na contemporaneidade essa construção da matriz da identidade profissional é um construir coletivo, dinâmico e cercado de contradições. As discussões do grupo apontam para, o *“comprometimento com o Projeto Ético Político Profissional, enfatizando a indissociabilidade da teoria com a prática”*. Esse é um dos elementos essenciais nesta construção da matriz da identidade profissional, materializar o projeto ético político da profissão em consonância com a práxis profissional.

Outra questão a ser debatida foi em relação à participação do supervisor de campo na construção do plano de ensino da disciplina de estágio e se este tem conhecimento da ementa, dos objetivos e estratégias de ensino? Segundo os participantes, *“o aluno inicia no estágio em seu processo de formação profissional e na construção da identidade levando consigo um suporte totalmente teórico depara-se no campo de estágio com a experiência da prática profissional buscando junto à supervisora a formação da “práxis – teoria + prática” vindo a contribuir no desvelamento das expressões da questão social, que cada campo de estágio apresenta trazendo essas discussões para o meio do supervisor de campo e o aluno. O estagiário traz inquietações e expectativas ao campo de estágio, fazendo que tanto o supervisor quanto o estagiário se unam numa forma de que o trabalho seja rico em teoria e prática.”*

O espaço do estágio supervisionado em Serviço Social é o momento das aproximações, reflexões e sínteses, tanto teórico como práticas, onde os sujeitos, envolvidos no processo se voltam para a função pedagógica da formação e, para que isso ocorra deve haver um esforço coletivo para

contemplar as competências e habilidades pertinentes a cada fase do processo do estágio.

Os documentos que normatizam o estágio como: Regulamento do Estágio ou Política de Estágio em Serviço Social das Instituições de Ensino devem priorizar uma construção coletiva, sendo referenciada no Plano Pedagógico do Curso, conforme orienta as Diretrizes Curriculares do Curso de 1996, nos princípios e diretrizes da formação profissional onde sinaliza a “Indissociabilidade entre estágio e supervisão acadêmica e profissional.”

Segundo Ribeiro (2016, p.131)

As diretrizes curriculares da ABEPSS de 1996 marcaram um outro caminho para o processo de formação dos assistentes sociais, indicando perspectivas de enfrentamento aos desafios postos pela questão social cujas manifestações estão a exigir, maior e melhor articulação entre as demandas do mercado, o exercício profissional e o processo de formação/estágio.

E quando falamos da articulação estamos nos referindo as aproximações e questionamentos tanto dos alunos quanto dos supervisores muito bem expressa na fala do grupo *“O estagiário traz inquietações e expectativas ao campo de estágio, fazendo que tanto o supervisor quanto o estagiário se unam numa forma de que o trabalho seja rico em teoria e pratica.”*

### **3 CONCLUSÃO**

A função pedagógica da supervisão em Serviço Social é um espaço coletivo e horizontal, na perspectiva da formação profissional. Diversos são os elementos que materializam esse processo, sendo o Fórum de Supervisão um destes instrumentos, que proporciona o debate, as aproximações teórico-práticas, problematiza as discussões sobre os processos de trabalho dos Assistentes Sociais em seus diversos espaços sócio ocupacionais, incluindo as Unidades de Formação Acadêmicas no exercício da docência.

No decorrer do trabalho, tratou-se profundamente sobre a importância da supervisão para promover no estagiário a visão crítica, propositiva e interventiva da profissão, momento da formação da matriz da identidade

profissional. Para tanto, o supervisor deve-se compreender como sujeito que potencializa, propicia e se compromete com a formação pautada no Projeto Ético Político da profissão.

A supervisão como parte integrante deste processo, deve constituir-se como um processo constante, tanto pelos supervisores como pelos alunos no processo de formação, unidades formadoras e os órgãos representativos da categoria profissional. CFESS/CRESS/ENESSO/ABEPSS.

Por fim, muitas são as dificuldades e limitadores que se apresentam para o processo de supervisão, desde as limitações do trabalho institucional, as mudanças no mundo do trabalho, as questões conjunturais que se apresentam fortemente no avanço exacerbado do conservadorismo no desmonte e finalização de políticas sociais públicas, discussões estas que permeiam o trabalho cotidiano do Assistente Social. Porém, como ponto a avançar é necessário dizer, que este trabalho não se finda por aqui e nem seria esta a pretensão destas pesquisadoras. Trata-se sim, de um trabalho de pesquisa com vários desdobramentos, problematizações e análises no decorrer do processo de formação profissional que possibilitará construção de alternativas concretas na perspectiva do coletivo dos profissionais envolvidos.

## REFERENCIAS

ABEPPS. **Política Nacional de Estágio**. 2010. Disponível em: [www.abeps.br](http://www.abeps.br)  
Acesso em: 28 dez. 2017.

ASSIS, R. L. M.; ROSADO, I. V. M. **A unidade teoria-prática e o papel da supervisão de estágio nessa construção**. Revista Katálysis. Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 203-211, jul./dez. 2012.

BURIOLLA, M. A. F. **Supervisão em Serviço Social: o Supervisor, sua relação e seus papéis**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

FORTI, V.; COELHO, M. **Contribuições à crítica do projeto ético-político do Serviço Social: considerações sobre fundamentos e cotidiano institucional**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2015.

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IAMAMOTO, M.; CARVALHO, R. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico - metodológica**. 21. ed. São Paulo: Cortez; CELATS, 2007.

LEWGOY, A. M. B. **Supervisão de estágio em Serviço Social: desafios para a formação e exercício profissional**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MOLJO, C.B.; MENDES, D.L.P. Supervisão de estágio e pesquisa em Serviço Social: o desvendar da realidade como eixo crítico-formativo. In: **A supervisão de estágio em serviço social: aprendizados processos e desafios**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

ORTIZ, F. G. A supervisão de estágio como atribuição privativa do assistente social. In: **A supervisão de estágio em serviço social: aprendizados processos e desafios**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

RIBEIRO, E. B. O Estágio no Processo de Formação dos Assistentes Sociais. In: **Serviço Social: Temas, Textos e Contextos**. 5ª Ed. Rio de Janeiro. Lumen Juris, 2016.

SANTOS, C. M. dos. **Na prática a teoria é outra? Mitos e dilemas na relação entre teoria, prática, instrumentos e técnicas no Serviço Social**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.